

Director, Proprietário e Editor
Monsenhor PEREIRA DOS REIS

Redacção e Administração:
Secretariado Nacional do Monumento
Rua dos Douradores, 57 — Lisboa

Composto e impresso na Tipografia
das Escolas Profissionais Salesianas
Officinas de S. José — Lisboa

COM A APROVAÇÃO
DA AUTORIDADE
ECLESIASTICA

MONUMENTO

ÓRGÃO DA PROPAGANDA DO MONUMENTO NACIONAL A CRISTO REI

Portugal vassallo e arauto DE CRISTO-REI

A inteligência pergunta

A erecção do Monumento Nacional a Cristo Jesus como Senhor absoluto de todos os povos e nações, pois é este o significado do nome que se lhe deu — MONUMENTO DE CRISTO REI — implica lógicamente a afirmação pública do reconhecimento perene da sua realeza também sobre Portugal.

Somos um povo, somos realmente uma Nação, por vontade de Deus, por disposição amabilíssima da Providência.

Deve portanto o Monumento representar uma confissão, ao menos implícita, de que os portugueses se consideram vassallos seus, a nação portuguesa se reconhece pertença inteira do grande Senhor que jamais esquece o amor com que se deu à morte para que o mundo tivesse vida, nem a predilecção com que sempre nos tem bemfado.

A verdade e justiça dos títulos divinos e humanos em que se funda esta realeza de direito do Salvador, nenhum povo cristão a pode desconhecer ou negar.

A Revelação divina neste ponto é tão clara como a evidência. E para que a sua lembrança permaneça sempre viva e actuante na mente e no coração dos fiéis, aí está o pregão da Igreja na festa anual de Cristo-Rei, a exortar as nações ao louvor, à defesa e à exaltação clamorosa dessa Realeza indizivelmente amorável e maravilhosamente benéfica, em desagravo da guerra de morte que o inferno lhe move em conjura do Comunismo e das seitas secretas.

Ora, aproximando-se já, com a última fase das obras, a data da inauguração ocorre ao espírito de quem tiver presentes as considerações acima expostas, a seguinte pergunta:

— porque se não há-de exprimir clara e desassombadamente, em palavra humana, sonora, palpante e viva, nessa hora soleníssima do descerramento da estátua de Cristo Rei e diante dela, o que a imagem e o pedestal queriam, de si mesmos, apregoar na

grandeza majestosa da sua mole gente?

Uma palavra que, permita-se-nos a comparação, seja para o Monumento coisa parecida com o que foi para o primeiro barro humano plasmado pelo Criador, o sopro vital e fez passar de estátua de pura lama a homem vivo, perfeito e comunicativo?

Uma palavra assim, que torne em pregão eloquente a mudez algida daquele cimento a que a arte deu forma sobre o esqueleto indestrutível de ferro; pregão a dizer em clamor de todos os dias e de todas as horas: «Senhor, já que por um incrível amor de predilecção nos fizeste povo teu, nação tua, livrando-nos até dos horrores da guerra e engrandecendo-nos de novo apesar de tantas infidelidades nossas, ergue-te agora nestas alturas do Céu em Portugal a nossa gratidão eterna, para te dizer a Ti, à face dos Anjos e dos homens, que Tu és o nosso Rei e nós o teu povo; pertença tua; serás sempre o nosso Senhor, o escolhido do nosso coração; nem queremos que reine sobre nós como Senhor dos destinos do império de Portugal de aquém e além-mar quem não seja de palavra, de coração e de obra, servo teu, vassallo submisso ao teu mando e

arauto da tua realeza, pronto a dar a vida por ela com a fé, a grandeza de alma e a paixão de amor que Afonso Henriques trazia em si e comunicou aos seus pares, ao fundar e criar há oito séculos, para tanto serviço e glória tua, esta Pátria pequenina que o teu Amor fez tamanha!

Se à imagem do seu Coração imprimiu Jesus, como Ele mesmo declarou a Santa Margarida Maria Alacoque, a virtude especial de, revelando nela aos homens o que para eles é a magnanimidade excessiva do seu divino amor apesar de enfeitado e desprezado de tantos, assim lhes tocar o coração insensível e os trazer a Si, despertando-lhes amor de arrependimento e

(Continua na pág. 2)



Modelação em barro da cabeça e rosto da estátua de Cristo Rei

VAMOS ERGUÊ-LO!

O ANDAMENTO DAS OBRAS

Os grandes jornais diários de Lisboa publicaram em Março excelentes fotografias do estado actual das obras, do Monumento de Cristo-Rei, tendo merecido especiais enclausuramentos a da cabeça e rosto do Senhor, aparecida no «Século Ilustrado» com belos dizeres e uma reportagem gráfica inextinguível. Também a «Televisão» deu a ver a imensas portugueses esta reprodução em honra da effigie de Jesus, executada pelo abalizado modelador sr. Manuel Renda. Agora, como nunca tão perfeitamente sucedera antes, pôde a fotografia pôr em relevo, com a formosíssima expressão da majestade e bondade de Cristo, a estátua que o génio artístico do inolvidável escultor, Mestre Francisco Franco, concebeu e modelou no gesso da sua maqueta.

A imagem é sete vezes mais do que as proporções do original e por isso, só o molde da cabeça, em barro, tem 5 metros de altura.

A construção avança rapidamente e a partir da base do pedestal vai progredindo também o trabalho da picotagem das paredes em ordem a dar-lhes o aspecto gracioso que falta ao cimento e que, no caso presente, não poderia ser substituído pela pintura. A própria estátua será também picotada, mas em estilo diferente do escolhido para as paredes dos arcos.

Os acabamentos previstos antes e sobretudo aqueles de cuja necessidade ou conveniência se vai dando conta com o andamento dos trabalhos, desmentem em parte a im-

pressão de termo das obras para muito breve, que nos é dada pela visão do exterior já feito. Ninguém o estranha, se conhece o que são obras e sobretudo da responsabilidade artística e técnica desta nossa, única no seu género em Portugal.

Com este, outros problemas se vão pondo, tal como o do imprescindível alargamento do espaço ambiente, de modo a ter capacidade para as multidões que ali se aglomeram nas grandes solenidades e peregrinações.

Já foi dito, por quem de direito, estar assente que o Monumento não seja só miradouro maravilhoso e local de turismo. Tem de ser e vai ser principalmente um verdadeiro Santuário do Sagrado Coração de Jesus e, por conseguinte, um Centro vivo de piedade e de preitos de amor e reparação conforme Ele mesmo os ensinou e pediu por intermédio de Santa Margarida Maria.

A assistência permanente de Capelães facultará aos fiéis de uma e outra Banda e aos da Província que tenham de atravessar o Tejo, o desafogo da sua devoção na Capela da base do pedestal.

A SUBSCRIÇÃO

As «Pedras Pequenas das Crianças» subiram de volume no passado Natal, certamente por se lhes ter anunciado que seria o último da sua contribuição colectiva. Só daqui por mais algum tempo estaremos habi-

(Continua na pág. 2)



Construção da imagem na altura dos braços

VAMOS ERGUÊ-LO!

litados a publicar, em nomes e em números, o que foi esse tributo, tão simpático sempre, do coração dos pequeninos.

«Da parte dos adultos», a generosidade tem sido espontânea; porque nem em Lisboa, depois do Peditório Diocesano de Julho último nas igrejas, nem no resto do país depois do Peditório Nacional de 1956, se voltou a organizar outra colecta oficial de proporções assim vastas.

Esperamos contudo um redobro de fervorosa generosidade da parte de todos os bons portugueses logo que o nosso Venerando Episcopado anuncie à Nação a data precisa da inauguração do Monumento e o Programa oficial das solenidades nacionais grandiosas, que nessa hora se hão-de realizar.

A certeza experimental que tínhamos e temos do amor grande do povo português ao SS. Coração de Jesus, foi sempre, ainda nas horas mais adversas, o motivo supremo da nossa confiança inabalável de que o dinheiro para o Monumento não havia de faltar nunca. Tudo dependia somente de que chegasse ao conhecimento da Nação a notícia clara, completa e impressionante do significado desta obra e das razões que a justificavam.

Mercê de Deus, se existe hoje preocupação a respeito do Monumento na alma do nosso povo, é só a de o ver pronto e descoberto aos olhos de toda a gente o mais depressa possível.

Até ao presente, o Secretariado do Monumento tem podido satisfazer pontualmente os compromissos da obra, sem atraso nos pagamentos nem recurso a empréstimos. E vá, que já se dispenderam uns quinze mil contos! Devêmo-lo à Bondade Divina e ao coração devoto da nossa gente portuguesa. Uma e outro farão que na hora final estejam perfeitamente em dia as contas da obra e os gastos avultados que as solenidades grandiosas da inauguração do Monumento vão exigir.

Casos edificantes

AO PÔR DO SOL

D. Ana R. O. L. F., de Lisboa, senhora veneranda, com os anos daquela admirável profetisa de quem se lê no Evangelho de S. Lucas que se não afastava do templo de Jerusalém servindo a Deus dia e noite em oração e na prática da penitência, e se não pôde conter da alegria de ter visto Jesus nos braços de Simeão e de Nossa Senhora, veio há pouco ao nosso Secretariado trazer para o Monumento as suas pratinhas. Não era tudo quanto o coração lhe pedia, mas era o mais que as posses lhe permitiam. Seu respeitável marido, que a acompanhava nesta oferenda, tinha aqui por sua conta no Secretariado um mugalheiro de barro onde durante muito tempo vinha periodicamente meter o seu óbolo para o Monumento.

Quem no poente da vida assim se mostra preso de amor à glória do Coração de Jesus, é porque lhe inundam a alma os esplendores da luz divina que faz conhecer a fundo quem é Jesus e apaixonar por Ele até ao esquecimento de si mesmo.

CORAÇÃO DE JESUS: revela ao mundo o VOSSO AMOR!

PRIMÍCIAS DE BÊNÇÃO

— P. M. dos R., empregada num Instituto oficial de Lisboa, entregou-nos um cartão com estes dizeres: «Em cumprimento duma promessa ao receber pela primeira vez a percentagem de 20% sobre o vencimento». Vinham com as palavras, 200\$00. O primeiro aumento para Nosso Senhor em acção de graças e fidelidade à promessa de renúncia ao gozo dos primeiros lucros!

A confiança na bondade divina e a humildade da prece com a oferta do sacrifício são poder com que o Céu gosta de se deixar vencer.

AMIGO DE MÃO CHEIA

— O Senhor João de Sousa Machado, grande português, fervoroso católico e um dos homens de maior prestígio no serviço de Portugal em África como génio empreendedor e vogal do Conselho de Governo da Província de Angola, quis mostrar-nos novamente a sua grande dedicação pelo Monumento de Cristo-Rei oferecendo-lhe pelo Ano Novo um título do valor nominal de «cinquenta contos» da «Companhia Mineira do Lobito», da qual Sua Excelência é fundador audacioso e dirigente atinado e honradíssimo.

Não tardará muito que o incremento desta nova e sólida Companhia valorize imen-

so os seus títulos com proveitos grandes para as variadas Instituições católicas que o magnânimo benfeitor quis favorecer com o dom gratuito de vários desses títulos.

O Sr João de Sousa Machado foi o intermediário e agente providencial para a aprovação pelo Conselho do Governo de Angola da comparticipação daquela Província na obra do Monumento de Cristo-Rei com o montante de mil contos.

Bem merece da Igreja e da Pátria agradecidas.

HOMEM A DIAS

— Em Março findo, apresentou-se no local do Monumento um mestre serralheiro dos lados de Sintra. Ia oferecer ao Monumento, em vez de dinheiro, o seu trabalho gratuito aos dias. Julgou que ali se poderia seguir este processo tão usado noutras terras em obras de Deus ou de caridade ou de interesse colectivo.

Desenganado, voltou para sua casa sem a consolação que esperava ali encontrar.

Mas no livro do Céu certamente fez Deus escrever em seu abono e especialmente para futuras graças em horas difíceis, esta generosa oferta do trabalho por amor do Santíssimo Coração de Jesus.

— C da C. Pereira é já conhecida nestas colunas de «O Monumento». Criada de servir, tão antiga na casa que é como se fosse da família, e ali afervorada no conhecimento e prática da vida piedosa, traz-nos sempre no Natal o seu donativo. Este é o produto dos crochets e rendas que ela faz com licença dos anos nas horas vagas e das flores que cultiva para vender durante o ano. Desta vez entregou-nos 950\$00!

Além disso, porque a sabem tão apóstola do Monumento, uma criada de servir mandou-nos por mão dela 20\$00; e uma senhora anónima uma nota de 500\$00 de restos de pratas que vendeu.

— D. Elvira Pereira de Carvalho era uma senhora viúva, muito piedosa e esmolera e de-

votíssima de consagrar à glória de Deus, também depois da sua morte visto não ter herdeiros forçosos, a parte dos bens de que era legítima possuidora.

Faleceu em Lisboa, mais dos desgostos do que do avanço dos anos, porque em nação estrangeira um procurador infiel lhe comprometeu a fortuna e até o seu nome honrado e respeitabilíssimo.

Como era benfeitora do Monumento, legou-lhe no testamento 50 contos.

Deste dinheiro, por causa da redução forçosa dos legados imposta pelas fraudes do procurador entregaram-nos agora os testamentários 25 contos.

Devíamos à memória benemérita desta inocente vítima da cobiça alheia o testemunho público da nossa gratidão e do louvor à sua generosidade.

A malícia dos homens em frustrar os designios santos da vontade dos benfeitores, da glória de Deus não priva a estes do prémio do Justo Juiz nem da gratidão dos corações bem formados.

Portugal vassalo e arauto DE CRISTO-REI

(Continuação da pág. 1)

de compadecida gratidão, — será temeridade crer que uma palavra ardente, de correspondência de afecto em consagração plena e incondicional da Pátria ao Divino Coração do Salvador perante a sua Imagem Monumental, ficará agarrada a ela mais fortemente do que se fosse apenas esculpida no bronze de uma lápide cravada a seus pés no plinto em que eles poeiam?

Temos fé que não só não é temeridade mas antes uma dessas realidades misteriosas de que o sobrenatural é tão rico.

Pois andar á caso em desvaio, desde há tantos séculos, o amor dos peregrinos da Terra Santa, quando num anseio imenso de se dar e de se unir em retorno perpétuo ao amor de Jesus, cobrem de ósculos e de lágrimas as lajes do Santo Sepúlculo e as pedras do caminho do Calvário por onde o Senhor seguiu de Cruz às costas a verter por nós o seu sangue redentor? Quem ousaria negar ao amor divino esta força indomável de, em tudo e onde quer, prender a si o nosso amor, e negar ao nosso amor de caridade divina poder sobre-humano nesta sua ânsia imensa de se deixar preso ali, até mesmo às pedras em que sente palpar e falar-lhe o amor de Nosso Senhor?

A consciência responde

Nós cremos nestes mistérios do poder do amor divino no coração de Deus e no coração dos homens. E por isso nos parece que, se ao descerrar da Imagem de Cristo Rei ficasse ela só, a inspirar o que Jesus, em toda e qualquer imagem do seu Coração, aos homens quer dizer; e com o falar de Jesus se não ouvisse logo ali, para ser voz de então e voz de sempre ao perto e ao longe, a voz do amor agradecido de Portugal, saída do mais fundo da alma de todos os portugueses de aquém e além-mar, a consagrar-se e a doar-se inteira e incondicionalmente ao Divino Rei pelos lábios reverentes, sinceros e comovidos dos seus chefes civis, dirigentes supremos do Estado e do Império; parece, repetimos, que se isto faltasse, o Monumento ficaria incompleto. Diria que Jesus é Rei e como tal o reconhecemos e lhe somos agradecidos, mas não lhe diria a Ele a face dos céus e da terra que, por mais este título de

gratidão imensa nós já não somos nós, Portugal só quer ser de Jesus, garantia suprema da nossa existência, da nossa paz, da nossa felicidade. E quem é voz da nação como nação senão quem superiormente a governa com a responsabilidade do poder supremo?

O milagre incrível da paz, embora pedido a Deus e alcançado pelo Voto dos nossos Bispos e não pelos representantes oficiais dos poderes do Estado, foi na realidade um benefício espontâneo feito à Nação como nação, pois lhe preservou a integridade territorial de todo o seu império, lhe garantiu e fortaleceu a independência como povo soberano e senhor da sua casa e dos seus destinos, enchendo-lhe ao mesmo tempo de prestígio os seus gloriosos governantes. E tão vivo se tem manifestado na nossa gente, em todo o mundo, este sentimento de que o milagre foi feito a Portugal, que não há Província do império que se tenha traído de contribuir para o Monumento.

A Colónia Portuguesa do Brasil, essa organizou mesmo oficialmente a sua subscrição para ele e é consolador verificar como nem há grupo de portugueses perdidos nos longos do Oriente, da África e da América, que dele se tenha desinteressado.

Por todos estes motivos nos sentimos sem o direito de duvidar sequer do alvoroço com que governantes e povo se darão as mãos para, na hora soleníssima da inauguração do Monumento, aclamarem oficialmente como nosso Rei e nosso Senhor o Coração Divino que nos deu a salvação e a paz.

A tradição impera

A própria lei de que «amor com amor se paga» e de que «amar é doar-se» está reclamando a nossa Consagração Nacional. Que bem cumpriram essa formosa lei os nossos antepassados! Quando após sessenta anos de eclipse nacional recuperaram a independência, não tinham decorrido ainda mais de seis anos sobre o 1.º de Dezembro de 1640 e já o Rei e as Cortes, certos de que o milagre da ressurreição de Portugal se devia à intercessão de N.ª Senhora da Conceição, Padroeira da Casa de Bragança, a proclamavam oficialmente Rainha e Senhora da Nação, entregando-lhe os destinos da Pá-

tria. E isto em tal forma que o Rei, para testemunho público e demonstração oficial e impressionante da vassalagem sua e da nação à Imaculada Mãe de Deus, tirou para sempre da cabeça a coroa real e nunca mais empunhou o ceptro. Porque o Senhorio de Portugal era d'Ele, e o Chefe do Estado, em razão do Decreto das Cortes, ficou a ser dali em diante mero delegado da Celestial Rainha.

Honra seja à memória dos Reis da Dinastia de Bragança que, em 270 anos de soberania, nenhum deles quebrantou jamais esta praxe estabelecida pelo seu progenitor o Rei D. João IV.

As bênçãos descidas do Céu, desde então, por mãos da Padroeira a esta sua Terra de Santa Maria, teve Portugal inteiro ocasião de as relembrar e agradecer em frémicas de entusiasmo nas comemorações esplêndidas do 3.º Centenário da Padroeira, ao longo do ano de 1946. Todos as recordamos com deliciosa saudade.

Sejamos então fiéis à tradição dos nossos maiores honrando a sua memória na imitação da sua nobreza e virtude de corações agradecidos.

O que após a libertação de 1640 se fez à Mãe, é justo e devido que se faça agora ao Filho.

Portugal nunca pagará ao SS. Coração de Jesus como Ele merece. Deixe-se ao menos ser de Cristo, para dar ao Senhor o que o Coração de Jesus mais deseja e pede: — «pela nossa entrega e doação sagrada da Pátria por amor e gratidão ao seu Senhorio divino, permitirmos-lhe que Ele de si mesmo faça doação a nós em cópia maior de bênçãos espirituais e temporais com que o nosso povo se torne o Portugal maior ambicionado de tantos, isto é, o PORTUGAL MELHOR.

Rezemos fervorosamente por esta intenção. Levante-se já em toda a extensão do território nacional a Cruzada de Orações que nos alcance do Céu a graça e a bênção, fonte de mil outras bênçãos, da CONSAGRAÇÃO OFICIAL DA NAÇÃO PORTUGUESA AO SS. CORAÇÃO DE JESUS.

Se com verdade assim o proclamarmos nosso Rei, a Pátria poderá ter confiança no futuro.

